

# Estratégias Assimétricas como a Opção dos Mais Fortes

Michael Breen e Joshua A. Geltzer  
© 2011 Michael Breen e Joshua A. Geltzer

Este artigo foi originalmente publicado na revista *Parameters* (Spring 2011)

**B**ASTA TOCARMOS A margem dos mais profundos e recentes debates sobre a política externa estadunidense para toparmos com o conceito de estratégias assimétricas. Assim como as próprias estratégias que o integram, o conceito nos frustra por parecer algo amorfo e, ao mesmo tempo, ser perturbadoramente onipresente. E o que é ainda mais importante: ele representa algo definitivamente ameaçador para os Estados Unidos<sup>1</sup>.

Este artigo analisa seriamente a noção de estratégia assimétrica, reconceituando-a de maneira fundamental. Questiona a constante identificação de estratégias assimétricas como estratégias dos mais fracos, revelando, ao contrário, as diversas formas pelas quais elas estão sendo adotadas por atores cada vez mais fortes. Assim, este artigo rejeita a ideia de que as estratégias assimétricas podem apenas ser empregadas *contra os* Estados Unidos e busca estimular a reflexão sobre modos pelos quais elas possam ser utilizadas *pele* país. Por fim, o artigo conclui que os formuladores da política externa estadunidense precisam deixar de pensar em estratégias assimétricas como sendo de domínio exclusivo de fracos atores não estatais, devendo, ao contrário, enxergá-las como sendo ainda mais importantes quando inteligentemente empregadas por fortes atores estatais, incluindo os próprios Estados Unidos.

A primeira parte deste artigo estabelece uma definição do conceito que, ao contrário de várias propostas existentes, descreve esse tipo

de estratégia sem se basear nos atores que a executam. Ou seja: as estratégias assimétricas transformam em vulnerabilidade aquilo que se percebe como ponto forte de um oponente — em geral, transformando a própria vulnerabilidade em uma vantagem. A segunda parte emprega essa definição para mostrar as formas pelas quais as estratégias assimétricas já estão sendo adotadas por adversários dos Estados Unidos, incluindo atores estatais. A parte final propõe um novo modo de pensar sobre como os Estados Unidos poderão empregar estratégias assimétricas contra seus muitos adversários.

## O Conceito de Estratégias Assimétricas — Definição

Apesar de ter se mantido como um conceito fundamental na década pós-11 de Setembro, a estratégia assimétrica continua sendo extremamente difícil de definir<sup>2</sup>. Muitas tentativas nesse sentido são tão genéricas que acabam se aproximando da definição de estratégia em si, reduzindo em muito qualquer utilidade prática que possam ter<sup>3</sup>. Por exemplo, um artigo basilar sobre estratégia assimétrica afirma que ela “é o emprego de algum tipo de diferença para obter uma vantagem sobre um adversário”<sup>4</sup>. Ainda que a considerássemos correta, ela não deixa claro como uma estratégia assimétrica difere das demais: afinal, “estratégia consiste em enfatizar os próprios pontos fortes e explorar as fraquezas de um inimigo”<sup>5</sup>.

Outras definições comumente utilizadas são mais específicas, mas conjugam uma grande diferença na força relativa das partes envolvidas em um conflito com as estratégias por elas

---

Michael Breen é o Vice-Presidente do Projeto de Segurança Nacional Truman, oficial combatente da Reserva do Exército e integrante da turma de 2011 da Faculdade de Direito de Yale. Formou-se pelo Dartmouth College.

Joshua A. Geltzer, também integrante da turma de 2011 da Faculdade de Direito de Yale, é doutor em Estudos de Guerra pelo King's College London, onde estudou com bolsa acadêmica Marshall. Geltzer é o redator-chefe da publicação Yale Law Journal.



*Tripulante de um helicóptero da Força Aérea dos EUA durante a evacuação de cidadãos estadunidenses da Embaixada dos EUA em Beirute, por ocasião do conflito entre o Hezbollah e as Forças israelenses no Líbano, 24 Jul 06.*

empregadas. Em outras palavras, essas definições parecem sugerir que “estratégia assimétrica” é praticamente qualquer coisa que um ator fraco possa fazer diante de um oponente bem mais forte, especialmente se tal ação for inesperada ou criativa. “O combate assimétrico é a ação violenta realizada pelos desfavorecidos contra os privilegiados, por meio da qual os primeiros — quer sejam atores estatais quer subestatais — buscam gerar efeitos profundos... mediante o emprego de suas vantagens relativas específicas contra as vulnerabilidades de oponentes bem mais fortes”<sup>6</sup>. É evidente que o fenômeno ora descrito é de central interesse para os Estados Unidos, em sua condição de única superpotência do mundo. Praticamente toda e qualquer entidade que o país possa vir a enfrentar — estatal ou não — será menos poderosa que ele. Se estratégias assimétricas são meramente o que atores mais fracos fazem contra os mais fortes, então, do ponto de vista dos Estados Unidos, elas não passam de boas estratégias aplicadas contra o país: “Todo planejamento militar que evite o confronto direto com os Estados Unidos, em um combate ‘justo’ no campo de batalha, seria, também, considerado ‘assimétrico’”<sup>7</sup>.

Reconhecemos que as definições anteriores de estratégia assimétrica foram úteis para descrever

o mundo pós-Guerra Fria, de adversários mais fracos, porém rebeldes, que lutavam contra os Estados Unidos. Não obstante, acreditamos que os estrategistas, os militares e os acadêmicos irão se beneficiar de uma definição mais precisa, que identifique a estratégia assimétrica como uma categoria conceitual em si, não estando restrita à fraqueza ou à força relativa do ator que a empregue.

As estratégias assimétricas se assemelham à arte marcial japonesa de jiu-jítsu, baseada na ideia de que a força e a energia de um oponente podem ser utilizadas contra ele, em vez de enfrentadas diretamente com força externa. Diante de um adversário mais alto e forte, por exemplo, um praticante de jiu-jítsu é incentivado a enxergar as vantagens em altura e músculos do outro como vulnerabilidades passíveis de serem exploradas, uma vez que tais características tendem a gerar um centro de gravidade elevado. Do mesmo modo, os praticantes de jiu-jítsu utilizam a própria força que um oponente é capaz de empregar em um soco para derrubá-lo, em vez de bloquear o murro e tentar dar o troco.

Essa abordagem oferece várias vantagens no combate corpo a corpo — independentemente da força relativa dos dois adversários. Ela possibilita que um indivíduo retenha a iniciativa, enquanto o oponente passa pela perturbadora

experiência de ver a ação pretendida e o seu poder inerente utilizados contra ele próprio. A força do praticante de jiu-jítsu é preservada, uma vez que, predominantemente, é a energia do oponente que o leva à derrota. O que é ainda mais importante: é difícil opor-se ao jiu-jítsu: como lutar contra um oponente que consegue reverter a sua força contra você mesmo, o tempo todo?

Quando devidamente definida e compreendida, a estratégia assimétrica é bastante semelhante. À luz desse entendimento, oferecemos uma definição do conceito: as estratégias assimétricas transformam o ponto forte de um adversário em uma vulnerabilidade, enquanto, em geral, revelam como vantagem aquilo que percebíamos como nossa própria fraqueza. A estratégia assimétrica é uma arte intrinsecamente relacional, que frequentemente explora as percepções errôneas de um oponente sobre o ator assimétrico e sobre si mesmo<sup>8</sup>. O que é mais importante: está à disposição de qualquer ator estratégico, fraco ou forte. Suficientes habilidade e astúcia são os únicos atributos exigidos pela estratégia assimétrica.

### **Estratégias Assimétricas: Mais que a Arma dos Fracos**

As estratégias assimétricas são normalmente entendidas como a arma dos fracos. Rod Thornton, por exemplo, define o “adversário assimétrico” como o “protagonista menor e mais fraco”<sup>9</sup>. Thornton não é o único a pensar assim: embora estratégias assimétricas venham recebendo atenção desde pelo menos 1995<sup>10</sup>, observa-se claro aumento de interesse no conceito desde os ataques de 11 de Setembro, o que voltou o foco dos Estados Unidos para adversários cujas capacidades limitadas os fazem parecer fracos, ao menos no sentido tradicional.

Não é a fraqueza inerente de adversários não estatais que os qualifica como atores assimétricos. Analisemos a descrição de Thornton das “três principais características dos ‘novos’ terroristas, que precisam ser consideradas: maior fervor, maior capacidade para executar ataques e maior capacidade para provocar baixas em massa”<sup>11</sup>. Nenhum desses atributos é inerente aos fracos. Ao longo da Guerra Fria, o que os Estados Unidos mais temiam em relação à União

Soviética, um adversário bastante forte, era seu maior fervor, sua elevada capacidade de ataque e a grande habilidade de que dispunha para provocar a destruição em massa.

Outros autores que exploram estratégias assimétricas identificam o que realmente parece ser novidade quanto aos “grupos terroristas mundiais” e à ameaça que eles representam para os Estados Unidos: é o fato de que “a economia global, as fronteiras relativamente permeáveis, as informações ostensivas e a insuficiência de recursos de segurança pública desse país permitem acesso a uma gama de bens, serviços e informações que, juntos, podem ser transformados em armas poderosas”<sup>12</sup>. Em outras palavras, não foi nenhuma característica própria da Al Qaeda que transformou o ataque de 11 de Setembro em um exemplo paradigmático de estratégia assimétrica. Foi, na verdade, o modo inevitavelmente relacional pelo qual o grupo transformou características dos Estados Unidos normalmente consideradas como pontos fortes (por exemplo, a economia interligada, as fronteiras abertas e o livre fluxo de informações do país) em vulnerabilidades devastadoras. E a Al Qaeda o fez mediante o emprego inteligente de aspectos de sua própria identidade que os Estados Unidos viam como vulnerabilidades, como o reduzido efetivo, as armas improvisadas e o treinamento limitado.

Pode ser que um fraco ator não estatal possua

---

***...as estratégias assimétricas transformam o ponto forte de um adversário em uma vulnerabilidade...***

maior motivação para adotar tais estratégias, em função da falta de alternativas, mas não há razão para que um forte ator estatal não possa utilizá-las<sup>13</sup>. No influente livro *Unrestricted Warfare* (“Combate Irrestrito”, em tradução livre), dois coronéis do Exército de Libertação Popular da China defendem que as estratégias atualmente associadas a grupos terroristas podem e devem ser adaptadas para o

emprego por Estados como o seu próprio país: “os novos e antigos terroristas, que continuamente sustentam o princípio de recorrer a todos os meios concebíveis, seguem sendo os melhores professores para os governos de todos os países”<sup>14</sup>. De fato, como irá demonstrar a próxima seção deste artigo, Estados cada vez mais fortes já vêm utilizando estratégias assimétricas, normalmente associadas com atores não estatais. Assim, a atual tendência de relacionar essas estratégias com atores não estatais fracos decorre apenas de um acaso histórico e da confusão conceitual, e não de algo inerente ao conceito em si<sup>15</sup>.

Embora os analistas estejam concentrados no conceito de que estratégias assimétricas estão no domínio dos fracos, atores cada vez mais fortes passaram a utilizá-las, muitas vezes com efeitos impressionantes. A próxima seção analisa o modo pelo qual Estados fortes, como a China e a Rússia, ou poderosas entidades não estatais, como o Hezbollah, vêm buscando transformar aquilo que percebem como pontos fortes do adversário em vulnerabilidades, recorrendo aos seus próprios pontos fortes latentes.

## O Que “Eles” Estão Fazendo Contra Nós

Apesar de os Estados Unidos e seus aliados estarem concentrados predominantemente nas ameaças assimétricas que atores não estatais lhes apresentam, Estados cada vez mais fortes também vêm desenvolvendo e empregando estratégias que visam a explorar os aparentes pontos fortes estadunidenses como vulnerabilidades latentes. Isso não deve ser nenhuma surpresa. Quiçá motivadas pela tríade explicativa de Tucídides, de “medo, honra e interesse”, as potências em ascensão (como a China, a Rússia e o Irã) sentem a necessidade de desenvolver a capacidade de neutralizar ou ao menos minimizar o poderio estadunidense<sup>16</sup>. A posição de domínio econômico e militar que os Estados Unidos usufruem atualmente constitui um incentivo para que os Estados que o queiram coagir ou dissuadir sejam criativos. As duas ocasiões em que as Forças Armadas convencionais do Iraque — cuja doutrina era inspirada na soviética — foram destruídas rapidamente, em um intervalo de pouco mais de uma década, oferecem uma lição clara aos

potenciais adversários estatais: “Não enfrentem os Estados Unidos, a menos que possuam armas nucleares”<sup>17</sup>.

Portanto, apesar de continuarem a desenvolver capacidades convencionais, alguns Estados decidiram criar estratégias destinadas a explorar aparentes pontos fortes estadunidenses como vulnerabilidades. Como quase sempre, tudo é uma questão de ponto de vista. Por exemplo, um importante ponto forte do país é a “mágica” que permite que os Estados Unidos utilizem redes de computadores e programas de *software* para coordenar campanhas aéreas em todo o mundo com incrível precisão, a partir de centros de comando geograficamente afastados. Aos olhos de um adversário assimétrico, porém, essa mesma capacidade pode ser vista como uma perigosa dependência, que deixa as dispendiosas Forças Armadas do país vulneráveis a ataques cibernéticos relativamente baratos. A força relativa de um adversário dos Estados Unidos nessa equação é irrelevante: a estratégia é assimétrica, independentemente de ser empregada por um pequeno grupo de *hackers*, um fraco ator regional ou um poderoso adversário global.

Sendo assim, é compreensível que diversos Estados tenham começado a executar estratégias assimétricas contra os Estados Unidos. Com isso, uma espécie de evolução paralela vem ocorrendo. Ao longo das duas últimas décadas, atores cada vez mais fortes desenvolveram estratégias assimétricas que são, em linhas gerais, semelhantes. Descrevemos várias delas adiante, para ilustrar a tese central: que estratégias assimétricas — adequadamente entendidas como tal — já estão sendo empregadas por atores cada vez mais fortes, incluindo Estados, e não apenas por fracos atores não estatais.

## Combate Híbrido

A insurgência é, provavelmente, a estratégia assimétrica mais emblemática, tendo se mostrado extremamente efetiva em “inverter” os pontos fortes até das Forças Armadas mais poderosas do mundo. Os Estados há muito utilizam a insurgência indiretamente, como um meio de inquietar o adversário. Essas táticas foram comuns durante a Guerra Fria e continuam sendo empregadas em vários locais, atualmente. Normalmente, a insurgência é uma estratégia militar bem menos



CFN dos EUA

*A coluna de fumaça que se ergueu após a explosão do quartelamento estadunidense no Aeroporto Internacional de Beirute, onde mais de 200 fuzileiros navais estadunidenses foram mortos, 23 Out 83.*

atraente para ser empregada diretamente por um Estado contra outro. Uma nascente mistura de táticas, técnicas e tecnologias combina algumas importantes vantagens assimétricas da insurgência com abordagens mais convencionais para manter e controlar um território. Muitas vezes denominada “combate híbrido”, essa abordagem em evolução sobre o combate terrestre talvez proporcione aos Estados, em breve, uma alternativa assimétrica viável contra os Estados Unidos<sup>18</sup>.

A insurgência representa, sem dúvida, um grave desafio assimétrico até para potências militares convencionais. A estratégia é assimétrica, segundo nossa definição, no sentido de que ela busca converter vantagens militares relativas à massa e à potência de fogo em desvantagens, ao desgastar o inimigo em uma campanha prolongada, incitando-o ou induzindo-o a direcionar a força, equivocadamente, contra a população civil. As Forças Armadas convencionais tendem a empenhar-se na obtenção e manutenção de acidentes capitais e a concentrar sua energia destrutiva na eliminação da Força militar oponente. Enquanto isso, os insurgentes focalizam a população e seus adversários convencionais, cedem o controle sobre acidentes capitais e costumam concentrar seus esforços em atos simbólicos de violência, que façam a balança do poder político pender em seu favor. A partir daí, na maioria dos casos, a insurgência aproveita as mudanças favoráveis no equilíbrio político para

que a balança de poder militar também passe a pender para seu lado. Caso isso não funcione, sua sobrevivência lhe permitiria buscar o esgotamento da vontade de lutar do oponente, até que as Forças convencionais, debilitadas pelas baixas e com moral baixo, decidam pela retirada da região do conflito<sup>19</sup>.

Nos últimos cem anos, a insurgência tem-se mostrado uma ferramenta eficaz para atores não estatais empenhados em campanhas contra governos, nacionais ou estrangeiros. Entretanto, como estratégia assimétrica a ser utilizada por um Estado contra outro, ela apresenta sérias limitações. Embora seja, com frequência, uma estratégia ofensiva no âmbito político (na medida em que visa, muitas vezes, a substituir um governo existente por outro), a insurgência é predominantemente defensiva em termos geográficos<sup>20</sup>. Em sua famosa analogia, Mao Tsé-tung, o pai doutrinário da insurgência moderna, comparou os insurgentes a peixes nadando no “mar” de uma população amigável. Evidentemente, essa abordagem requer que o insurgente faça parte da sociedade na qual ele esteja “nadando” ou que pelo menos conte com a lealdade de tal população<sup>21</sup>.

Até mesmo como estratégia defensiva, a insurgência representa um último recurso para os governos, porque requer que estes permitam que uma força hostil invada e ocupe seu território, antes que ela possa ter início. Mao descreveu seus planos para a insurgência contra o Exército japonês justamente assim: “A estratégia do invasor precisa ser de uma guerra-relâmpago. Se pudermos resistir por três anos ou mais, será muito difícil para eles aguentarem a pressão”<sup>22</sup>. Para a maioria dos dirigentes nacionais, retirar-se para o interior por três anos ou mais, escondendo-se em locais clandestinos, enquanto Forças militares estrangeiras ocupam seu país, decididamente não é uma alternativa de defesa interessante, mesmo quando a probabilidade de sucesso de uma campanha convencional de defesa territorial for mínima. Ainda que o inimigo acabe sendo derrotado, o país anfitrião provavelmente será devastado, e o regime político pré-guerra dificilmente sobreviverá. Para um Estado, então, a insurgência não é atraente, porque a base da própria estratégia é a recusa em lutar pela integridade territorial.

O combate híbrido pode remediar essa falha, em parte, conservando muitas das vantagens assimétricas da insurgência. Em princípio, o combate híbrido combina as estruturas de liderança e as comunicações extremamente descentralizadas, a reduzida logística e a sinergia junto à população civil — típicas das células de insurgência — com táticas destinadas a manter o terreno e a destruir a força adversária, em vez de apenas inquietá-la. Como na insurgência, o combate híbrido apoia-se no padrão “infantaria leve”, que, de modo geral, evita empregar grandes sistemas de armas, fáceis de serem identificados, como carros de combate e artilharia de grosso calibre<sup>23</sup>. Em vez disso, as forças híbridas empregam mísseis anticarros portáteis, foguetes e morteiros. O surgimento da munição guiada de precisão, de relativo baixo custo, forneceu melhor defesa contra formações blindadas convencionais, a ponto de fazer com que uma Força de Infantaria descentralizada e bem equipada, capaz de infiltrar-se em meio à população civil, seja cada vez mais apta a resistir quando atacada. Uma Força como essa apresenta poucas das vulnerabilidades defensivas que costumam caracterizar as Forças convencionais. Por exemplo, as Forças Armadas estadunidenses normalmente atacariam e destruiriam as redes de comunicações e logística do inimigo antes de dar início ao ataque. Quando o oponente é uma Força híbrida descentralizada, no entanto, essa infraestrutura é difícil de identificar e impossível de ser separada dos sistemas civis, quando houver fortes laços com a população.

Embora o combate híbrido continue sendo uma ameaça nascente, alguns analistas de defesa acreditam que a experiência de Israel contra o Hezbollah no sul do Líbano, em 2006, pode revelar algo do que está por vir. O conflito é digno de nota porque as Forças de Defesa de Israel (FDI), providas, predominantemente, de tecnologia militar e táticas estadunidenses, tiveram dificuldades em sobrepujar as Forças de um adversário irregular na campanha israelense para conquistar e manter terreno<sup>24</sup>. De certa forma, o próprio Hezbollah é híbrido, já que é um ator não estatal, com origens como organização terrorista e insurgente, mas que controla território e executa muitas das funções tradicionais de um Estado. No decorrer de seus 24 anos de

história, até o confronto com as FDI, em 2006, o Hezbollah parece ter desenvolvido uma abordagem igualmente híbrida para combater seu bem treinado e equipado adversário convencional. Por um lado, o Hezbollah continua a enfatizar uma estrutura organizacional descentralizada e autônoma baseada em células, ao estilo insurgente, praticamente sem nenhuma “cauda logística”. Além disso, emprega, frequentemente, táticas insurgentes de ataque relâmpago que visam mais à provocação política que ao efeito militar<sup>25</sup>. Ao mesmo tempo, porém, as Forças do Hezbollah defenderam o sul do Líbano, em 2006, com a utilização de uma complexa série de casamatas, projetadas e equipadas para sustentar uma defesa prolongada, e empregaram uma gama de sofisticados sistemas de armas guiados contra alvos israelenses em terra e até mesmo no mar<sup>26</sup>. Ao contrário do que fazem insurgentes tradicionais, os combatentes do Hezbollah se empenharam continuamente em manter o terreno contra um resolutivo ataque por formações blindadas israelenses, na ocasião — às vezes, com sucesso<sup>27</sup>.

Durante a incursão terrestre israelense que durou 33 dias, o combate híbrido (convencional e não convencional) do Hezbollah permitiu-lhe infligir mais baixas israelenses por combatente árabe que qualquer dos tradicionais adversários de Israel nas guerras árabe-israelenses de 1956, 1967, 1973 ou 1982<sup>28</sup>. Dadas as semelhanças entre as formas como Israel e os Estados Unidos operam em combate, tal fato não passou despercebido por potenciais adversários deste último país. O Irã, em particular, talvez tenha utilizado o conflito de 2006 como teste para estratégias concebidas para sua defesa contra uma possível invasão pelos Estados Unidos, fornecendo diretamente grande parte do arsenal do Hezbollah. Como colocou um observador do conflito: “O Hezbollah treina o Irã, e não o contrário”<sup>29</sup>. A Rússia desenvolveu e fabricou a grande maioria dos sofisticados sistemas de armas do Hezbollah, e os planejadores militares russos, sem dúvida, prestaram grande atenção ao seu emprego e efetividade<sup>30</sup>. Enquanto isso, a China está desenvolvendo sua própria estratégia para negar o Pacífico Ocidental às Forças estadunidenses, em parte pela ampla utilização de mísseis guiados, empregados de forma descentralizada — uma abordagem

que ela chama de “Bastão do Assassino”<sup>31</sup>. Os observadores estadunidenses de pronto reconheceram a ameaça apresentada por essas táticas<sup>32</sup>.

O combate híbrido possibilita que Estados usufruam de algumas vantagens da insurgência e, ao mesmo tempo, evitem custos significativos, especialmente a perda de regiões do terreno que sejam importantes. Essa estratégia apresenta uma vantagem assimétrica, porque permite que um adversário transforme a vantagem de um oponente no que diz respeito a armas caras e sofisticadas em uma vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que converte em ponto forte suas aparentes deficiências em armas e efetivos. Depois que os Estados Unidos entraram no Afeganistão e, em seguida, no Iraque, os Estados preocupados em defender suas fronteiras contra uma possível invasão estadunidense, como o Irã e a Coreia do Norte, passaram a considerar as armas nucleares como sua principal alternativa de defesa. No futuro próximo, porém, o combate híbrido talvez permita que esses adversários organizem uma defesa convencional mais convincente contra o modo de guerra estadunidense.

## A Guerra Cibernética

Nos últimos anos, a guerra cibernética despontou como um sério desafio para os países tecnologicamente mais sofisticados do mundo, incluindo os Estados Unidos. A estrutura descentralizada e complexa da própria internet exacerba essa ameaça, uma vez que é cada vez mais viável para atores tanto estatais quanto não estatais desenvolver e empregar capacidades de combate cibernético com anonimato ou por meio de agentes possivelmente inconscientes de seu papel, o que dificulta a dissuasão. Dado o potencial para igualar condições mediante a interrupção ou desativação das capacidades de um adversário tecnologicamente mais avançado — inclusive sem que se possa comprovar sua responsabilidade —, é compreensível que Estados grandes e pequenos venham dedicando cada vez mais recursos para o desenvolvimento de capacidades relacionadas ao combate cibernético.

A lista de países que estão ativamente buscando desenvolver capacidades nessa área é extensa e inclui vários adversários potenciais dos Estados Unidos. A China desenvolveu uma doutrina

militar oficial para o combate cibernético, treinou um grande efetivo de militares para conduzir operações ofensivas na internet e conduziu uma ampla série de exercícios e simulações<sup>33</sup>. A Rússia desenvolveu uma forte capacidade de combate cibernético, em parte em consulta com a China<sup>34</sup>. Também demonstrou entusiasmo pelo combate cibernético ofensivo na década passada, conduzindo ataques contra *sites* chechenos já em 2002<sup>35</sup>. Utilizando gangues de criminosos como agentes, a Rússia empregou ataques cibernéticos para incapacitar as redes da Geórgia antes do ataque militar convencional, em 2008, depois de ter confirmado sua utilidade em um confronto anterior com a Estônia<sup>36</sup>. Em ambos os casos, foi o ator mais forte, a Rússia, quem adotou uma estratégia assimétrica. Sabe-se, também, que o Irã, a Índia, o Paquistão e a Coreia do Norte estão desenvolvendo capacidades de combate cibernético com diferentes graus de sofisticação e efetividade, às vezes em cooperação com organizações criminosas<sup>37</sup>.

Como apontaram alguns observadores, a compreensão geral é que o ciberespaço não é apenas um canal inédito para táticas completamente novas, mas um novo ambiente onde o conflito ocorrerá de formas mais ou menos análogas às utilizadas em terra, no mar, no ar ou no espaço<sup>38</sup>. Nesse novo ambiente em evolução, iremos assistir, tal como ocorre nos ambientes de combate tradicionais, ao desenvolvimento de uma série de estratégias que combinam abordagens diretas e indiretas, assim como a coerção e a dissimulação. Muitas estratégias de combate cibernético parecem intrinsecamente assimétricas, uma vez que, quanto mais desenvolvida e poderosa se torna a infraestrutura de informática de um país, mais vulnerável ele fica às consequências de um bem-sucedido ataque cibernético. Vale lembrar, porém, que a exploração de percepções errôneas é uma característica central das estratégias assimétricas. À medida que o combate cibernético se torne uma característica comum do ambiente estratégico mundial, os Estados que se apoiarem em sofisticadas redes de computadores ficarão extremamente cientes de sua vulnerabilidade. É possível prever que, em um futuro próximo, as redes de computadores sejam vistas pelo mesmo prisma utilizado para os

porta-aviões de hoje: instrumentos tecnológicos poderosos, mas vulneráveis, que precisam ser cuidadosamente protegidos contra ataques.

Como em outros aspectos do conflito humano, haverá um pequeno subconjunto de estratégias de combate cibernético com características verdadeiramente assimétricas. É provável que a história do combate cibernético ainda seja muito recente para que se possa concluir sobre como será o combate assimétrico no ciberespaço, quais estratégias serão empregadas e como evoluirão, com o tempo. Entretanto, é possível apontar para algumas características um tanto genéricas, mas úteis.

Imagine um adversário que tenha desenvolvido uma grande capacidade de combate cibernético, empregando grande efetivo de militares de Inteligência e especialistas em informática, e que utilize essa capacidade para dar início a um ataque de negação de serviço em larga escala, contra as redes de computadores militares estadunidenses. Suponha que o ataque cibernético vise a enfraquecer nossas capacidades de comando e controle durante uma campanha aérea e naval que envolva grandes distâncias, permitindo que as Forças inimigas — em outros aspectos, em desvantagem — organizem uma defesa mais convincente. Embora, no sentido geral, o ataque convertesse um ponto forte estadunidense em uma fraqueza, a forma de ataque seria o equivalente aproximado, no ciberespaço, a uma penetração na linha de defesa do inimigo por um ataque de blindados — poder concentrado aplicado contra um ponto fraco cuidadosamente selecionado. Um ataque como esse pode obter o efeito de surpresa e choque, mas não é assimétrico.

Compare esse com outro tipo de ataque hipotético contra redes estadunidenses, que busque objetivos semelhantes. Nesse caso, porém, imagine que o ataque seja realizado com a utilização de computadores civis, governamentais e militares de todo o mundo. Na maioria dos casos, os proprietários provavelmente nem estarão cientes de que o ataque esteja ocorrendo — imagine que essa rede seja criada e controlada por um grupo de indivíduos empregados, clandestinamente, pelo Estado agressor. Nesse cenário, quatro ou cinco indivíduos poderiam desfechar um grande golpe

contra as Forças Armadas mais poderosas do mundo. Eles apresentam diversas fraquezas aparentes: compõem um grupo pequeno, não estão armados e dispõem de relativamente poucos recursos. Contudo, essas fraquezas aparentes proporcionam ao agressor o anonimato e a possibilidade de negação de responsabilidade, necessários para que ele sobreviva e execute seus ataques. A efetividade desse ataque cibernético surge de sua capacidade para transformar um aparente ponto forte estadunidense — Forças Armadas tecnologicamente avançadas e sincronizadas em detalhe — em uma fraqueza.

O potencial para um ataque nessas linhas é ilustrado pela saga do infame *worm Conficker*<sup>39</sup>. Tal como outros programas maliciosos, o *Conficker* é projetado para se inserir em um computador anfitrião sem revelar sua presença, efetuando pequenas mudanças, necessárias para se defender e evitar a detecção, e espalhando-se, em seguida, para outros sistemas. Também se mantém em comunicação constante com seu anônimo criador, pela internet, e é capaz de obedecer a instruções. Esse programa malicioso apareceu pela primeira vez em 20 Nov 08. Desde então, sobreviveu, com sucesso, a uma tentativa sem precedentes para destruí-lo, por parte de uma rede de especialistas em segurança coordenada mundialmente. Atualmente, esse *worm* controla uma *botnet* (rede de computadores infectados), provavelmente composta de milhões de computadores no mundo inteiro e operada, de modo geral, por usuários que sequer suspeitam disso. Tal *botnet* confere ao *worm* e seu controlador um enorme poder computacional, passível de ser utilizado para conduzir ataques debilitantes contra até as maiores e mais seguras redes do mundo. Para toda organização, incluindo um Estado, uma *botnet* estável, como a controlada pelo *Conficker*, representa uma poderosa capacidade ofensiva em prontidão.

O projeto e as subsequentes adaptações do *Conficker* indicam que ele foi criado por uma equipe de indivíduos com extrema perícia em diversas disciplinas, incluindo criptografia e criação de *software*. Segundo especialistas em segurança cibernética que estudaram esse *worm*, seus criadores são “criminosos cibernéticos incrivelmente sofisticados ou um grupo financiado por um Estado-nação”<sup>40</sup>. Os criadores





*Um fuzileiro naval estadunidense cumprimenta crianças afegãs durante uma patrulha, 18 Dez 11.*

do *Conficker* permanecem no anonimato, e não se sabe se o *worm* é controlado por um Estado. Entretanto, é importante notar que a versão original do *Conficker* foi projetada de modo a não permitir a infecção de computadores que possuíssem endereços de IP ucranianos<sup>41</sup>.

A combinação do potencial ofensivo com a possibilidade de negação de responsabilidade oferecida por um recurso como uma *botnet* anonimamente controlada — como a do *Conficker* — é simplesmente atraente demais para que um ator estatal possa ignorá-la. Essas capacidades são algumas das ameaças nascentes mais perigosas e significativas para os Estados Unidos e aliados e não são, de forma alguma, armas exclusivas dos fracos. Especialmente se conjugado com o combate híbrido e com outras estratégias assimétricas discutidas neste artigo, o combate cibernético poderá conferir aos futuros adversários dos Estados Unidos uma vantagem potencialmente transformadora. Nas mãos de um forte ator estatal, com acesso a grandes quantidades de capital intelectual e perícia técnica, o combate cibernético assimétrico pode mostrar-se devastador.

## Manipulação da Mídia

Os estadunidenses frequentemente consideram a forte mídia do país como uma vantagem estratégica, e até os adversários passaram a vê-la como sendo estrategicamente benéfica para os Estados Unidos. Durante a Guerra Fria, por exemplo, a União Soviética empenhou-se em restringir o acesso de seus cidadãos à mídia ocidental, ao passo que os Estados Unidos tentaram derrotar a censura soviética. Contudo, a via oposta nunca ocorreu: a mídia soviética era ineficaz em influenciar públicos estadunidenses, e os Estados Unidos não fizeram grande esforço para censurá-la. Uma dinâmica semelhante, em linhas gerais, persiste até hoje entre os Estados Unidos e vários de seus rivais, e a censura à mídia estadunidense vai de medidas extremas, no caso da Coreia do Norte, a medidas mais sutis, no caso da China.

Entretanto, alguns adversários reconheceram que a mídia estadunidense também pode constituir uma fraqueza em certas condições. Os veículos de comunicação do país estão presentes mundialmente, transmitindo um ponto de vista estadunidense para domicílios por todo o globo.

Contudo, essa mesma abrangência e ambição mundiais por parte da imprensa baseada nos EUA permitem que uma perspectiva estrangeira sobre a política externa do país chegue até públicos estadunidenses. O que é mais importante: a cobertura da mídia estadunidense proporciona ao público do país uma visão muitas vezes restrita,

---

***...os Estados fortes podem empregar estratégias assimétricas para obter resultados decisivos contra oponentes mais fracos.***

mas extremamente emotiva do impacto diário das políticas estadunidenses, muitas das quais exigem um compromisso de longo prazo por parte da população, para que alcancem êxito.

Esse efeito é especialmente problemático para os líderes estadunidenses quando o país está envolvido em conflito armado com um oponente mais fraco, situação que a condição de superpotência dos Estados Unidos torna extremamente provável. O problema é que um desequilíbrio acentuado em força produz sérias questões morais e éticas para a parte beligerante mais forte, cuja força, autoconfiança e disposição para lutar são continuamente minadas. De forma memorável, Martin Van Creveld compara essa dinâmica de “paradoxo de força” com a situação na qual um homem adulto enfrenta uma criança pequena, que o esteja atacando com uma faca: não importa o que ele faça; sua reação será vista ou como um sinal de fraqueza ou como uma atrocidade contra a criança<sup>42</sup>. Ao observar suas próprias Forças Armadas em situações como essa, o povo estadunidense tende a reagir negativamente.

Com frequência, essa dinâmica nem chega a ser uma estratégia calculada pelos adversários do país, mas um simples fato da vida. Por exemplo, as reações à chocante cobertura de mídia sobre os devastadores ataques aéreos da coalizão contra tropas iraquianas em retirada, em 1991, contribuíram significativamente para

o cessar-fogo, que permitiu que grande parte da Guarda Republicana do Iraque escapasse. Por mais benéfico que esse desfecho tenha sido para o regime iraquiano, não há evidências para sugerir que a liderança daquele país pretendia que a cobertura acontecesse ou até soubesse de sua ocorrência. Da mesma forma, a China conta com certas vantagens quando comparamos a sua formulação de política externa centralizada e silenciosa com a cultura de frequentes vazamentos de informação de Washington, mesmo quando nada é feito para explorar esse aspecto do processo estadunidense de elaboração de política.

Outros atores, porém, agem de forma mais calculada ao tentarem moldar a cobertura que eles recebem nos Estados Unidos. O emprego de celebridades estadunidenses como porta-vozes pelo Vietnã do Norte, para destacar supostas atrocidades dos Estados Unidos, é um exemplo infame, mas estratégias mais recentes foram mais sutis e mais efetivas. Houve vezes em que os insurgentes iraquianos modernos exibiram uma compreensão extremamente sofisticada da mídia mundial, planejando ataques de modo a coincidirem com a cobertura de mídia da área-alvo e até programando grandes ataques para tirar proveito do horário nobre da televisão estadunidense. Muitos dos adversários militares dos Estados Unidos mostraram uma capacidade excepcional para direcionar as câmeras de televisão a incidentes envolvendo baixas civis, incluindo tanto o antigo governo do Iraque quanto os atuais insurgentes iraquianos. Por sua vez, o Irã parece ter prestado bastante atenção à cobertura de mídia e à opinião pública dos Estados Unidos em sua abordagem em relação ao programa nuclear, alternando entre uma postura conciliatória e uma postura rebelde, para evitar provocar uma forte reação estadunidense ou fazer concessões legítimas. No todo, o que pode ter sido, a princípio, um enfraquecimento não planejado dos Estados Unidos por sua cobertura de mídia parece ter se tornado uma opção estratégica calculada dos adversários do país — e, em particular, uma escolha assimétrica que transforma um pilar de uma sociedade livre em um elemento problemático da formulação de política externa.

Não é assim tão simples para Estados estrangeiros influenciar a mídia e manipular a opinião pública

estadunidense sobre a política externa. Contudo, quando isso funciona, os resultados lhes podem ser extremamente favoráveis. Por exemplo, foram imagens televisionadas de baixas estadunidenses que levaram à retirada do país da Somália, no início dos anos 90, e não uma vitória militar pelos potentes de Mogadíscio<sup>43</sup>. Tentativas de manipular a cobertura de mídia representam uma estratégia assimétrica potencialmente poderosa, invertendo o poder da influente mídia dos Estados Unidos para afetar sua população.

## O Que Podemos Cogitar Fazer Contra “Eles”

Os Estados Unidos devem se preparar para responder às estratégias assimétricas que venham a ser empregadas por uma gama de inimigos, desde insurgências localizadas até possíveis potências hegemônicas regionais. Os Estados Unidos também devem considerar fazer algo menos reativo e mais inovador: precisam criar suas próprias estratégias assimétricas. Em geral, essa não tem sido nossa abordagem até o presente. “[Os] Estados Unidos praticamente garantiram aos adversários potenciais que irão responder às suas ações de formas particulares e bem definidas, tão somente reativas e extremamente controladas”<sup>44</sup>. Em certos aspectos, essa é uma consequência da posição do país como principal garante da estabilidade mundial. Contudo, os Estados Unidos podem ir além de seu hábito “simétrico” de espelhar e, em seguida, sobrepujar as capacidades dos oponentes, sem comprometer seu papel em âmbito mundial.

As estratégias assimétricas oferecem uma série de vantagens aos Estados Unidos. Elas costumam ser econômicas, uma vez que possibilitam contornar a necessidade de se equiparar às principais capacidades de um oponente com dispendiosas capacidades próprias. A assimetria muitas vezes produz considerável surpresa estratégica, permitindo, ao menos temporariamente, que o usuário obtenha e explore a iniciativa, enquanto o oponente se esforça em reavaliar a situação. O que é mais fundamental: a descoberta, por um adversário, de que sua força também é, de certo modo, uma fraqueza incapacitante, pode levar a considerável confusão.

A incerteza que as estratégias assimétricas costumam produzir as torna profundamente

perturbadoras para os objetivos, gerando confusão quanto à força relativa dos adversários, viabilidade das defesas existentes, utilidade das alternativas de resposta e até validade da base do próprio poder. Esse poder de desestabilizar e confundir um objetivo talvez explique a frequente associação de estratégias assimétricas com o terrorismo, já que os efeitos descritos são justamente os que os terroristas buscam, ao iniciarem seus ataques. Como vimos, não há nada quanto às motivações ou fraquezas relativas dos terroristas que os tornem os usuários exclusivos ou até mesmo mais efetivos da estratégia assimétrica.

Assim como um combatente musculoso e hábil pode empregar técnicas de jiu-jítsu para acabar com um inimigo fisicamente mais fraco, os Estados fortes podem empregar estratégias assimétricas para obter resultados decisivos contra oponentes mais fracos. Talvez isso seja mais ou menos o que Thornton tem em mente ao afirmar: “há muito a ser dito sobre a ideia de que os poderosos precisam tornar-se mais parecidos com os fracos para equipararem suas capacidades às deles”<sup>45</sup>. O que ora se propõe não é que os Estados Unidos imitem os modos específicos pelos quais os fracos utilizam estratégias assimétricas. O que se defende, em vez disso, é que o país desenvolva suas próprias estratégias assimétricas. Elas surgirão de suas capacidades especiais em relação aos adversários. É essencial que tais estratégias sejam coerentes com o caráter moral e com a posição de liderança mundial dos Estados Unidos.

Diante de um cenário mundial com um número crescente de adversários — fracos e fortes — os Estados Unidos fariam bem em considerar as vantagens da abordagem assimétrica. Não estamos sugerindo, evidentemente, que exista uma solução assimétrica para todo problema estratégico, nem que uma determinada estratégia seja considerada boa ou sensata pelo simples fato de ser assimétrica. A atual adoção mundial da assimetria por atores estatais e não estatais deve oferecer aos estrategistas estadunidenses um sinal dos benefícios potenciais de tal pensamento. O poder estadunidense é realmente enorme, mas não é infinito. Na busca de complementar seu próprio poder, diante de uma série de rivais cada vez mais fortes, o país faria bem em virar os pontos fortes dos adversários contra eles mesmos. **MR**

## REFERÊNCIAS

1. LAMBAKIS, Steven; KIRAS, James; KOLET, Kristin. "Understanding 'Asymmetric' Threats to the United States", *Comparative Strategy* 21, no. 4 (2002): p. 241-277. Especificamente na página 241: "'Assimetria' é um termo... [que] contribui para a confusão em compreender as ameaças da atualidade e distorce o pensamento sobre os desafios de segurança diante do país".
2. É importante distinguir entre conflitos assimétricos, que são interações cuja assimetria é um simples fato decorrente de algum tipo de discrepância entre as partes em conflito, e estratégias assimétricas, que são tentativas calculadas de moldar as interações. Estas últimas constituem o foco deste artigo.
3. NORTON-TAYLOR, Richard. "Asymmetric Warfare", *The Guardian*, 3 Oct 2001, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2001/oct/03/afghanistan.socialsciences>, acesso em 16 jun. 2011; e GRAY, Colin S. "Thinking Asymmetrically in Times of Terror", *Parameters*. Vol. 32, no. 1 (Spring 2002): p. 5-14. "Com exceção do conceito compartilhado pelos Estados Unidos e pela União Soviética durante a Guerra Fria, conhecido como MAD — destruição mútua garantida — toda guerra foi assimétrica, afirma Phillip Wilkinson, do King's College, em Londres", NORTON-TAYLOR (2001). Uma afirmação semelhante consta de GRAY (2002), p. 14: "todas as guerras dos Estados Unidos foram disputas assimétricas"; "todo combate é assimétrico".
4. MEIGS, Montgomery C. "Unorthodox Thoughts about Asymmetric Warfare", *Parameters* 33, no. 2 (Summer 2003): p. 4-18. METZ, Steven; JOHNSON II, Douglas V. *Asymmetry and U.S. Military Strategy: Definition, Background, and Strategic Concepts* (Carlisle, PA: Strategic Studies Institute, 2001). METZ; JOHNSON, p. 1. Compare com esta definição semelhante, embora mais complexa, de MEIGS, p. 4: "A assimetria significa a falta de uma base comum de comparação quanto a uma qualidade ou, em termos operacionais, uma capacidade".
5. BARNETT, Roger W. *Asymmetrical Warfare: Today's Challenge to U.S. Military Power* (Washington, DC: Brassey's, 2003), p. 15.
6. THORNTON, Rod. *Asymmetric Warfare: Threat and Response in the 21st Century* (Cambridge: Polity Press, 2007), p. 1.
7. LAMBAKIS; KIRAS; KOLET. "Understanding 'Asymmetric'", p. 242. Uma definição semelhante é proposta por LAMBAKIS, Steven J. "Reconsidering Asymmetric Warfare", *Joint Forces Quarterly*, no. 36 (2004): p. 102-108. Lambakis afirma, na página 102: "A assimetria normalmente descreve um inimigo que pensa ou age de forma diferente dos Estados Unidos, especialmente ao enfrentar as superiores Forças convencionais estadunidenses".
8. THORNTON, *Asymmetric Warfare*, p. 55. Thornton se aproxima dessa formulação, mas — como discutido anteriormente — ele oferece outras variações também: "A transformação de pontos fortes em vulnerabilidades é, evidentemente, o que o combatente assimétrico busca".
9. *Ibid.*, p. 3.
10. U.S. JOINT CHIEFS OF STAFF, *Joint Warfare of the Armed Forces of the United States* (Washington, D.C.: Joint Chiefs of Staff, 1995), IV-10.
11. THORNTON, *Asymmetric Warfare*, p. 27.
12. LAMBAKIS, KIRAS, KOLET, "Understanding 'Asymmetric'", p. 253.
13. THORNTON, *Asymmetric Warfare*, p. 4-5. Thornton observa que "vale notar que técnicas assimétricas também podem ser empregadas pela parte mais forte", ressaltando, em seguida, "a importância da ameaça assimétrica atualmente — por parte de atores tanto estatais quanto subestatais". Vide também página 76: "A verdadeira ameaça... advém de um Estado fraco que seja um adversário assimétrico". Por que a "verdadeira ameaça" não advém do Estado forte que seja um adversário assimétrico?
14. LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *Unrestricted Warfare: China's Master Plan to Destroy America* (Dehradun: Natraj Publishers, 2007), p. 115.
15. Na prática, é claro, a força relativa está, às vezes, realmente correlacionada com os objetivos de estratégias assimétricas, uma vez que os atores fracos em aspectos tradicionais precisam buscar formas criativas de enfrentar adversários mais fortes, para que tenham alguma chance de vencer. Contudo, além de não haver necessariamente uma relação entre a fraqueza objetiva de um ator e sua decisão de empregar uma estratégia assimétrica, não existe nada de intrínseco sobre fraqueza relativa no conceito de assimetria: ao contrário, a assimetria consiste em revelar o ponto forte de um adversário como fraqueza, ao converter a própria fraqueza aparente em uma vantagem, mesmo que se seja, em geral, a parte mais forte.
16. THUCYDIDES. *The Landmark Thucydides: A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*. Robert B. Strassler, ed. (New York: The Free Press, 1976), p. 43.
17. HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* (New York: Simon & Schuster, 1996), p. 187.
18. HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars* (Arlington, VA: Potomac Institute for Policy Studies, 2007); SIMPSON, Erin M. "Thinking about Modern Conflict: Hybrid Wars, Strategy, and War Aims", trabalho apresentado no encontro anual da Midwest Political Science Association, Palmer House Hilton, Chicago, Illinois, 7 abril. 2005, p. 3. Disponível em: [http://www.allacademic.com/meta/p84945\\_index.html](http://www.allacademic.com/meta/p84945_index.html), acesso em 16 jun. 2011. O termo "guerra híbrida" também é eventualmente utilizado para descrever conflitos que envolvam tanto o combate intraestatal quanto o combate interestatal, em vez de uma fusão de métodos convencionais e irregulares empregados por uma única parte beligerante.
19. HAMMES, Thomas X. *The Sling and the Stone: On War in the 21st Century* (St. Paul, Minnesota: Zenith, 2004); SMITH, Rupert. *The Utility of Force: The Art of War in the Modern World* (London: Penguin Books, 2005); KILCULLEN, David. *The Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of a Big One* (Oxford: Oxford University Press, 2009). Esses livros oferecem discussões detalhadas da insurgência e da evolução de sua dinâmica.
20. A insurgência patrocinada pelo Estado, como a campanha norte-vietnamita contra o sul por meio dos vietcongues, é uma outra questão. Vale notar também que o Vietnã do Sul acabou sendo derrotado por uma invasão militar convencional, e não por atividades de insurgência.
21. KILCULLEN, David. *The Accidental Guerrilla: As campanhas insurgentes expedicionárias de Che Guevara na América Latina e a estratégia da Al Qaeda de se inserir em insurgências locais e regionais como a do Talibã podem representar uma exceção a essa regra. Entretanto, tanto Che quanto a Al Qaeda se apoiaram fortemente em interlocutores locais e utilizaram mão de obra local em suas campanhas, maciçamente.*
22. TSE-TUNG, Mao. *On Guerrilla Warfare*, trad. S.B. Griffith (Chicago: University of Illinois Press, 1961).
23. HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st Century*, p. 8, p. 29. Hoffman define guerras híbridas como sendo aquelas em que métodos convencionais e irregulares são empregados pelas mesmas Forças na mesma área de operações, possibilitando uma gama bem mais ampla de possíveis estruturas de força e de métodos em sua definição. Embora a aplicação mais direta do conceito seja um modelo descentralizado e de Infantaria Leve, existem outros exemplos.
24. EXUM, Andrew. *Hizballah at War: A Military Assessment* (Washington, DC: The Washington Institute for Near East Policy, 2006), p. 1, disponível em: <http://www.washingtoninstitute.org/pubPDFs/PolicyFocus63.pdf>, acesso em 16 jun. 2011.
25. *Ibid.*, p. 5. É revelador que a guerra de 2006 tenha se deflagrado quando o Hezbollah emboscou uma patrulha israelense e raptou dois militares das FDI. BIDDLE, Stephen; FRIEDMAN, Jeffrey A. *The 2006 Lebanon Campaign and the Future of Warfare: Implications for Army and Defense Policy* (Carlisle, Pensilvânia: Strategic Studies Institute, 2008), p. 29.
26. EXUM, Andrew. *Hizballah at War*, p. 4-7.
27. BIDDLE; FRIEDMAN. *The 2006 Lebanon Campaign*, p. 35-36. Esse artigo fornece uma útil "taxonomia" do comportamento militar do Hezbollah durante o conflito de 2006.
28. *Ibid.*, p. xv.
29. EXUM, Andrew. *Hizballah at War*, p. 7.
30. *Ibid.*, p. 6.
31. KREPINEVICH, Andrew; WATTS, Barry; WORK, Robert. *Meeting the Anti-Access and Area-Denial Challenges* (Washington DC: Center for Strategic and Budgetary Assessments, 2003). O próprio "Bastão do Assassino" é, em essência, uma mistura de estratégias assimétricas que se complementam, incluindo minas submarinas, ataques cibernéticos e antissatélites, assim como ataques de mísseis guiados.
32. RUSLING, Matthew. "Shifting Gears: For the Military, a Future of 'Hybrid Wars'", *National Defense* 93 (September 2008): p. 32-34.
33. BILLO, Charles; WELTON, Chang. *Cyber Warfare An Analysis of the Means and Motivations of Selected Nation States* (Institute for Security Technology Studies at Dartmouth College, 2004), p. 25-40, disponível em: <http://www.ists.dartmouth.edu/docs/cyberwarfare.pdf>, acesso em 16 jun. 2011.
34. *Ibid.*, p. 107-119.
35. *Ibid.*
36. Project Grey Goose. *Russia/Georgia Cyber War — Findings and Analysis* (17 Oct. 2008), disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6967393/Project-Grey-Goose-Phase-I-Report>, acesso em 16 jun. 2011.
37. BILLO; CHANG. *Cyber Warfare*.
38. GRAY, Colin S. "The 21st Century Security Environment and the Future of War", *Parameters* 38, no. 4 (Winter 2008), p. 23-24.
39. BOWDEN, Mark. "The Enemy Within", *The Atlantic*, June 2010, p. 72-83.
40. *Ibid.*, p. 82.
41. *Ibid.*, p. 77.
42. VAN CREVELD, Martin. *The Transformation of War* (New York: The Free Press, 1991), p. 173-179.
43. JOHNSON, Dominic D. P.; TIERNEY, Dominic. *Failing to Win: Perceptions of Victory and Defeat in International Politics* (Cambridge: Harvard University Press, 2006), p. 205-241.
44. BARNETT, *Asymmetrical Warfare*, p. 154.
45. THORNTON, *Asymmetric Warfare*, p. 148.